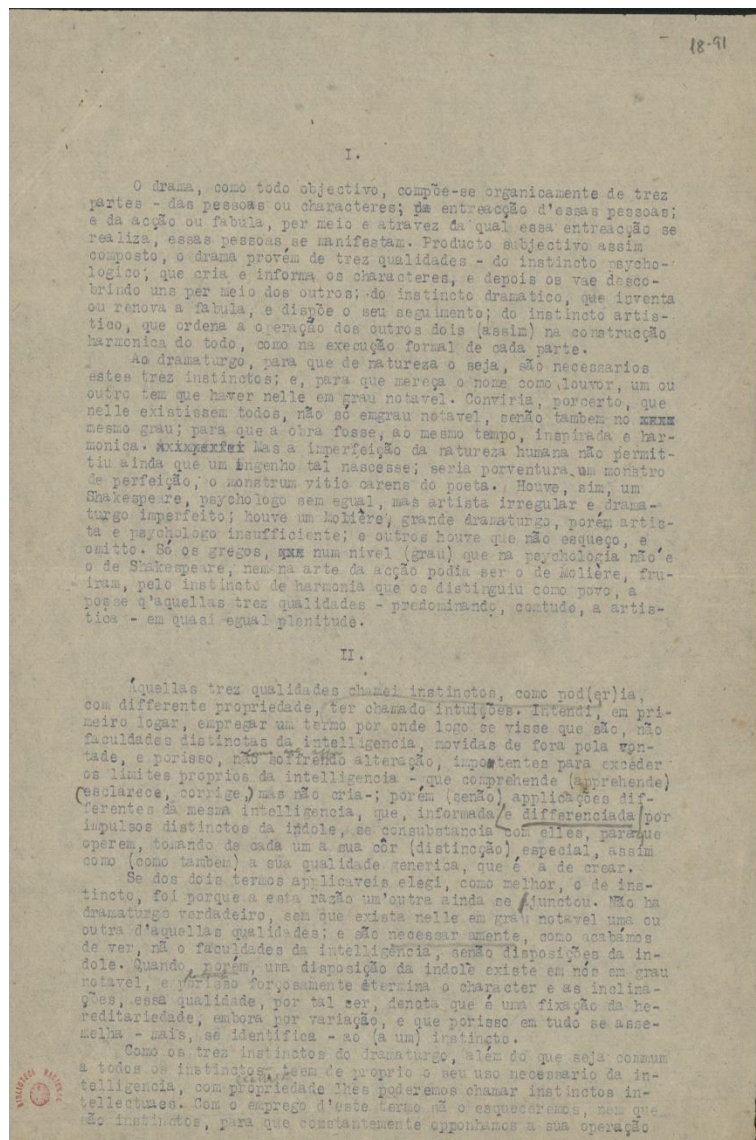




I.

O drama, como todo objectivo, compõe-se organicamente de trez partes - das pessoas ou caracteres; da entreacção d'essas pessoas; e da acção ou fabula, per meio e atravez da qual essa entreacção se realiza, essas pessoas se manifestam. Producto subjectivo assim composto, o drama provém de trez qualidades - do instincto psychologico; que cria e informa os caracteres, e depois os vae descobrindo uns per meio dos outros; do instincto dramatico, que inventa ou renova a fabula, e dispõe o seu seguimento; do instincto artistico, que ordena a operação dos outros dois (assim) na construcção harmonica do todo, como na execução formal de cada parte.

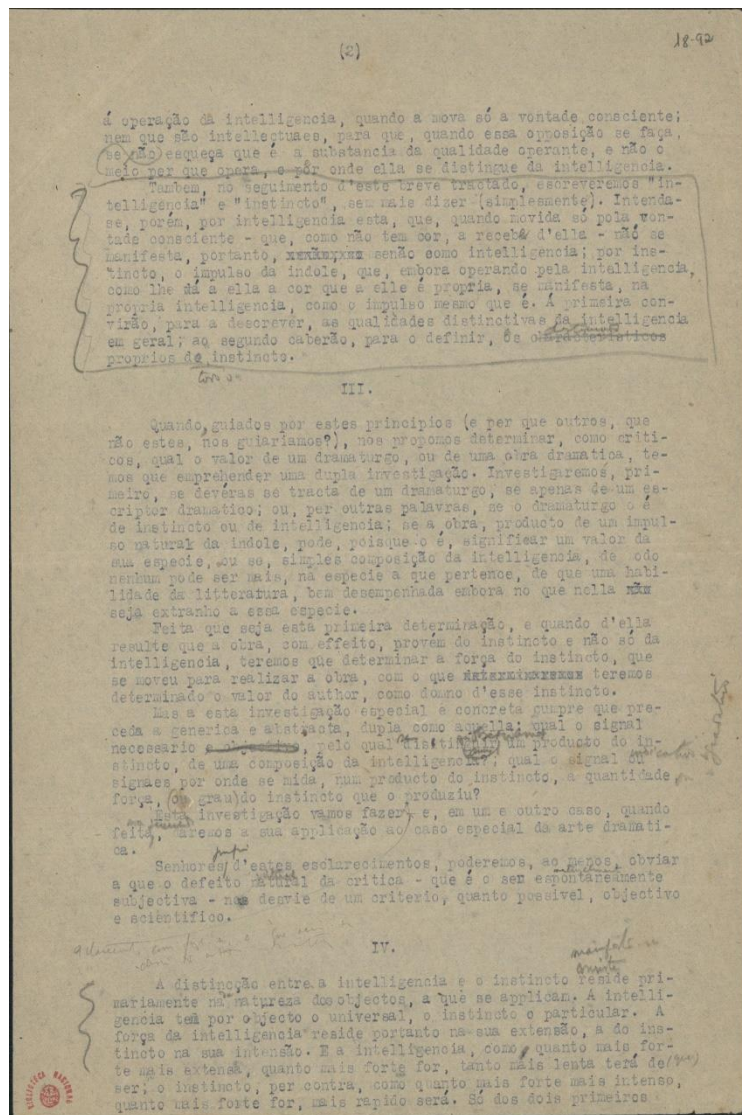
Ao dramaturgo, para que de natureza o seja, são necessarios estes trez instinctos; e, para que mereça o nome como louvor, um ou outro tem que haver nelle em grau notavel. Conviria, porcerto, que nelle existissem todos, não só em grau notavel, senão tambem no mesmo grau; para que a obra fosse, ao mesmo tempo, inspirada e harmonica. A imperfeição da natureza humana não permittiu ainda que um ingenho tal nascesse; seria porventura um monstro de perfeição, o monstrum vitio carens do poeta. Houve, sim, um Shakespeare, psychologo sem igual, mas artista irregular e dramaturgo imperfecto; houve um Molière, grande dramaturgo, porém artista e psychologo insufficiente; e outros houve que não esqueço, e omitto. Só os gregos, que num nível (grau) que na psychologia não é o de Shakespeare, nem na arte da acção podia ser o de Molière, fruíram, pelo instincto de harmonia que os distinguia como povo, a posse d'aquellas trez qualidades - predominando, contudo, a artistica - em quasi igual plenitude.

II.

Áquellas trez qualidades chamei instinctos, como, com differente propriedade, pod(ér)ia ter chamado intuições. Intendi, em primeiro lugar, empregar um termo por onde logo se visse que são, não faculdades distinctas da intelligencia, movidas de fora pola vontade, e porisso, não soffrendo (como não soffrem) alteração, importantes para exceder os limites proprios da intelligencia - que comprehende ((aprehende)) (esclarece, corrige,) mas não cria -; porém ((senão)) applicações differentes da mesma intelligencia, que, informada (e diferenciada) por impulsos distinctos da indole, se consubstancia com elles, para que operem, tomando de cada um a sua côr ((distincção)) especial, como ((como tambem)) a sua qualidade generica, que é a de crear.

Se dos dois termos applicaveis elegi, como melhor, o de instincto, foi porque a esta razão um'outra ainda se ajunctou. Não ha dramaturgo verdadeiro, sem que exista nelle em grau notavel uma ou outra d'aquellas qualidades; e são necessariamente, como acabámos de ver, não faculdades da intelligencia, senão disposições da indole. Quando, porém, uma disposição da indole existe em nós em grau notavel, e porisso forçosamente determina o character e as inclinações, essa qualidade, por tal ser, denota que é uma fixação da hereditariedade, embora por variação, e que porisso em tudo se assemelha - mais, se identifica - ao ((a um)) instincto.

Como os trez instinctos do dramaturgo, além do que seja commum a todos os instinctos, teem de proprio o seu uso necessario da intelligencia, com propriedade (exactidão) lhes poderemos chamar instinctos intellectuaes. Com o emprego d'este termo não esqueceremos, nem que são instinctos, para que constantemente opponhamos a sua operação



á operação da intelligencia, quando a mova só a vontade consciente; nem que são intellectuaes, para que, quando essa opposição se faça, não se esqueça que é a substancia da qualidade operante, e não o meio per que opera, o po/e'r onde ella se distingue da intelligencia.

|Tambem, no seguimento d'este breve tractado, escreveremos "intelligencia" e "instincto", sem mais dizer /simplesmente/. Intenda-se, porém, por intelligencia esta, que, quando movida só pela vontade consciente - que, como não tem cor, a recebe d'ella - não se manifesta, portanto, ~~senão, e~~ ^{senão} como intelligencia; por instincto, o impulso da indole, que, embora operando pela intelligencia, como lhe dá a ella a cor que a elle é propria, se manifesta, na propria intelligencia, como impulso mesmo que é. Á primeira convirão, para a descrever, as qualidades distinctivas da intelligencia em geral; ao segundo caberão, para o definir, o/a/s ~~characteristicos~~ determinações proprios de todo o instincto.

III.

Quando, guiados por estes principios (e per que outros, que não estes, nos guiaríamos?), nos propomos determinar, como criticos, qual o valor de um dramaturgo, ou de uma obra dramatica, temos que emprender uma dupla investigação. Investigaremos, primeiro, se devéras se tracta de um dramaturgo, se apenas de um escriptor dramatico; ou, per outras palavras, se o dramaturgo o é de instincto, ou de intelligencia; se a obra, producto de um impulso natural da indole, pode, poisque o é, significar um valor da sua especie, ou se, simples composição da intelligencia, de modo nenhum pode ser mais na especie a que pertence, de que uma habilidade da litteratura, bem desempenhada embora no que nella não seja extranho a essa especie.

Feita que seja esta primeira determinação, e quando d'ella resulte que a obra, com effeito, provém do instincto e não só da intelligencia, teremos que determinar a força do instincto, que se moveu para realizar a obra, com o que ~~determinaremos~~ teremos determinado o valor do author, como domno d'esse instincto.

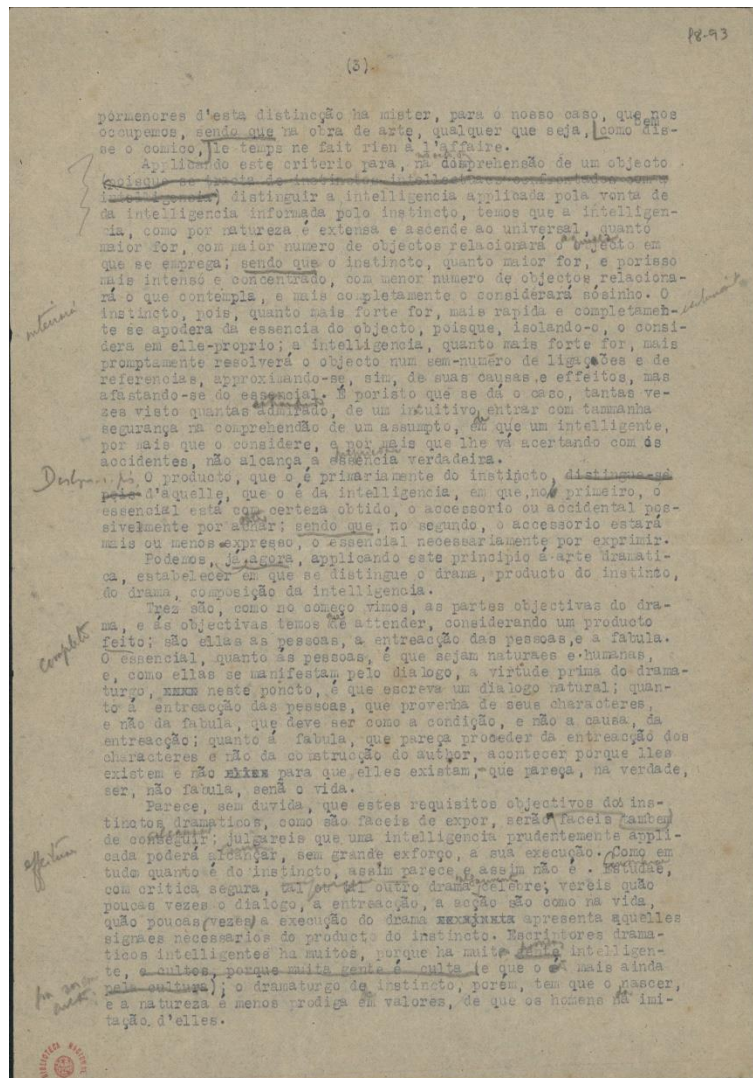
Mas a esta investigação especial e concreta cumpre que preceda a generica e abstracta, dupla como aquella: qual o signal necessario e ~~objective~~, pelo qual /se\ distinguir /rá\ /amos\ /observamos\ um producto do instincto, de uma composição da intelligencia?; qual o signal ou signaes /indicativo\ /gradativo\ por onde se mida, num producto do instincto, a quantidade, /ou\ força, /ou grau\ do instincto que o produziu?

Esta investigação vamos fazer, esclarecendo, com fazel-a, o que acima se disse do instincto e da intelligencia e, em um e outro caso, quando feita na generalidade, daremos a sua applicação ao caso especial da arte dramatica.

Senhores por fim d'estes esclarecimentos, poderemos, ao menos, obviar a que o defeito natural /virtual\ da critica - que é o ser espontaneamente /naturalmente\ subjectiva - nos desvie de um criterio, quanto possivel, objective e scientifico.

IV.

|A distincção entre a intelligencia e o instincto reside /consiste\ /manifesta-se\ primariamente na /da\ natureza dos objectos, a que se applicam. A intelligencia tem por objecto o universal, o instincto o particular. A força da intelligencia reside portanto na sua extensão, a do instincto na sua intensão. E a intelligencia, como, quanto mais forte for, tanto mais lenta terá de /que\ ser; o instincto, per contra, como quanto mais forte mais intenso, quanto mais forte for, mais rapido será. Só dos dois primeiros



pormenores d'esta distincção ha mister, para o nosso caso, que nos occupemos, sendo que na obra de arte, qualquer que seja, como bem disse o comico, le temps ne fait rien à l'affaire.

Applicando este criterio para, na /no acto da\ comprehensão de um objecto ~~(pois que se tracta de instinctos intellectuales confrontados com a intelligencia)~~ distinguir a intelligencia aplicada pola vontade da intelligencia informada polo instincto, temos que a intelligencia, como por natureza é extensa e ascende ao universal, quanto maior for, com maior numero de objectos se relacionará o objecto /aquelle\ em que se emprega; sendo que o instincto, quanto maior for, e porisso mais intenso e concentrado, com menor numero de objectos relacionará o que contempla, e mais completamente o considerará sósinho. O instincto, pois, quanto mais forte for, mais rapida e completamente /exclusivamente\ se apodera /inteirará\ da essencia do objecto, poisque, isolando-o, o considera em elle proprio; a intelligencia, quanto mais forte for, mais promptamente resolverá o objecto num sem-numero de ligações e de referencias, approximando-se, sim, das suas causas e effectos, mas afastando-se do essencial. É poristo que se dá o caso, tantas vezes visto quantas admirado /extranhado\, de um intuitivo entrar com tamanha segurança na comprehensão de um assumpto, em /de\ que um intelligente, por mais que o considere, e por mais que lhe vá acertando com os accidentes, não alcança a essencia /propriedade\ verdadeira.

Distingue-se, pois, o producto, que o é primariamente do instincto, ~~distingue-se pois~~ d'aquelle, que o é da intelligencia, em que, no primeiro, o essencial está com certeza obtido, o accessorio ou accidental possivelmente por achar /obter\; sendo que, no segundo, o accessorio estará mais ou menos expresso, o essencial necessariamente por exprimir.

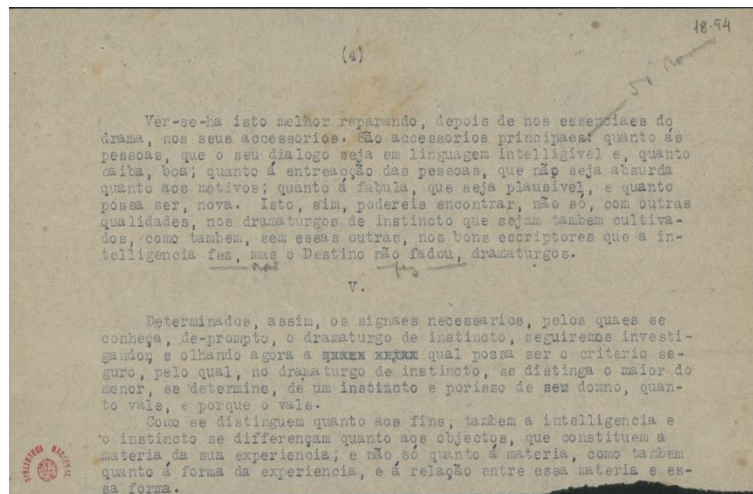
Já podemos agora, applicando este principio á arte dramatica, estabelecer em que se distingue o drama, producto do instincto, do drama, composição da intelligencia.

Trez são, como no começo vimos, as partes objectivas do drama, e ás objectivas temos de /que\ attender, considerando um producto feito /completo\; são ellas as pessoas, a entreacção das pessoas e a fabula. O essencial, quanto ás pessoas, é que sejam naturaes e humanas, e, como ellas se manifestam pelo dialogo, a virtude prima do dramaturgo, ~~nesto ponto~~, é que escreva um dialogo natural; quanto á entreacção das pessoas, que provenha de seus caracteres, e não da fabula, que deve ser como a condição, e não a causa, da entreacção; quanto á fabula, que pareça proceder da entreacção dos caracteres e não da construção do author, acontecer porque elles existem e não ~~elles~~ para que elles existam, - que pareça, na verdade, ser, não fabula, senão vida.

Parece, sem duvida, que estes requisitos objectivos dos instinctos dramaticos, como são faceis de expor, serão tambem faceis de conseguir /alcançar\ /effectuar\; julgareis que uma intelligencia prudentemente applicada poderá alcançar /conseguir\, sem grande esforço, a sua execução. Como em tudo, quanto é do instincto, assim parece e assim não é. Estudae /Considerae\, com critica segura, tal ou tal /qualquer\ outro drama vulgarmente celebre; vereis quão poucas vezes o dialogo, a entreacção, a acção, são como a vida, quão poucas /vezes\ a execução do drama ~~se ajusta~~ apresenta aquelles signaes necessarios do producto do instincto. Escriptores dramaticos intelligentes ha muitos, porque ha muitos ~~gente~~ homens intelligentes, ~~e cultos, porque muita gente é culta~~ (e que o são ainda mais ~~pela cultura~~) por serem cultos; o dramaturgo de instincto, porém, tem que o nascer, e a natureza é menos prodiga em /de\ valores, de que os homens na /da\ imitação d'elles.

BNP/E3, 18 - 94^r

Transcrição

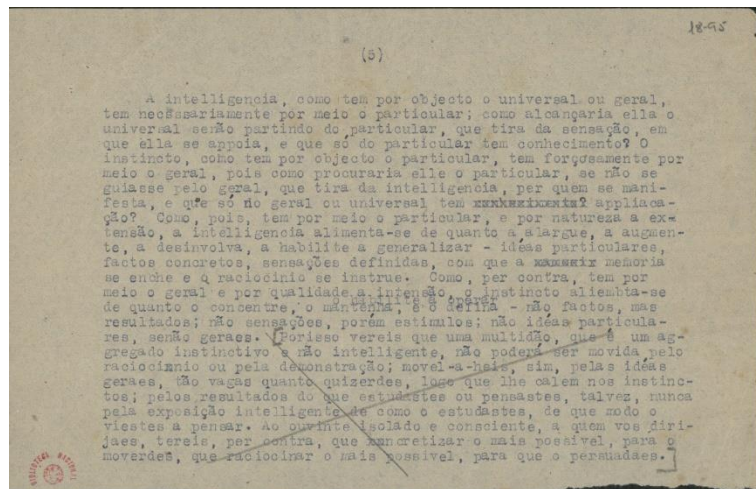


Ver-se-ha isto melhor reparando, depois de nos essenciaes do drama, nos seus accessorios. São accessorios principaes do drama: quanto ás pessoas, que o seu dialogo seja em linguagem intelligivel e, quanto caiba, boa; quanto á entreacção das pessoas, que não seja absurda quanto aos seus motivos; quanto á fabula, que seja plausivel, e quanto possa ser, nova. Isto, sim, podereis encontrar, não só, com outras qualidades, nos dramaturgos de instincto que sejam tambem cultivados, com tambem, sem essas outras, nos bons escriptores que a intelligencia fez, mas /não\ o destino não fadou /fez\, dramaturgos.

V.

Determinados, assim, os signaes necessarios, pelos quaes se conheça, de-prompto, o dramaturgo de instincto, seguiremos investigando, e olhando agora a ~~quaes sejam~~ qual possa ser o criterio seguro, pelo qual, no dramaturgo de instincto, se distinga o maior do menor, se determine, de um instincto e porisso de seu domno, quanto vale, e porque o vale.

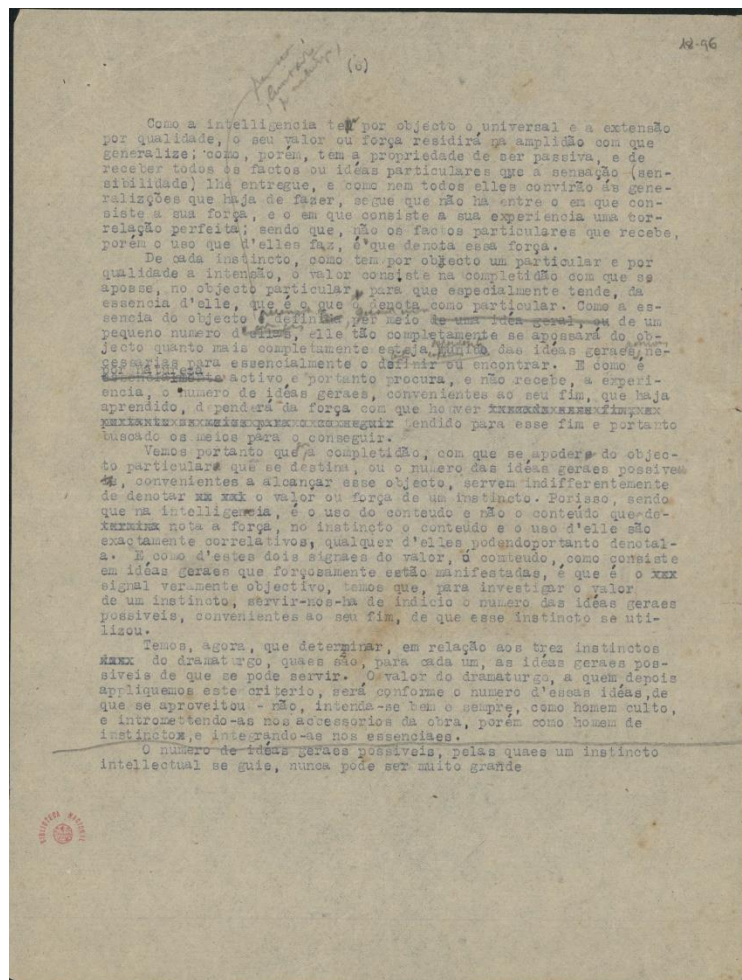
Como se distinguem quanto aos fins, tambem a intelligencia e o instincto se differencam quanto aos objectos que constituem a materia da sua experiencia; e não só quanto á materia, como tambem quanto á forma da experiencia, e á relação entre essa materia e essa forma.



A intelligencia, como tem por objecto o universal ou geral, tem necessariamente por meio o particular; como alcançaria ella o universal senão partindo do particular, que tira da sensação, em que ella se appoia, e que só do particular tem conhecimento? O instincto, como tem por objecto o particular, tem forçosamente por meio o geral, pois como procuraria elle o particular, se não se quiasse pelo geral, que tira da intelligencia, per quem se manifesta, e que só do geral ou universal tem ~~xxxxxxxxxxxx~~ applicação? Como, pois, tem por meio o particular, e por natureza a extensão, a intelligencia alimenta-se de quanto a alargue, a augmente, a desinvolve, a habilite a generalizar - idéas particulares, factos concretos, sensações definidas, com que a ~~memoria~~ memoria se enche e o raciocinio se instrue. Como, per contra, tem por meio o geral e por qualidade a intensão, o instincto alimenta-se de quanto o concentre, e o define /o habilite a operar\ - não factos, mas resultados; não sensações, porém estímulos; não idéas particulares, senão geraes. ~~[Porisso, vereis que uma multidão, que é um aggregado instinctivo e não intelligente, não poderá ser movida, pelo raciocinio ou pela demonstração; movel-a-heis, sim, pelas idéas geraes, tão vagas quanto quizerdes, logo que lhe caem nos instinctos; pelos resultados de que estudastes ou pensastes, talvez, nunca pela exposição intelligente de como o estudastes, de que modo o vistes a pensar. Ao ouvinte isolado e consciente, a quem vos dirijaeis, tereis, per contra, que concretizar o mais possível, para o moverdes, que raciocinar o mais possível, para que o persuadaes.]~~

BNP/E3, 18 - 96*

Transcrição



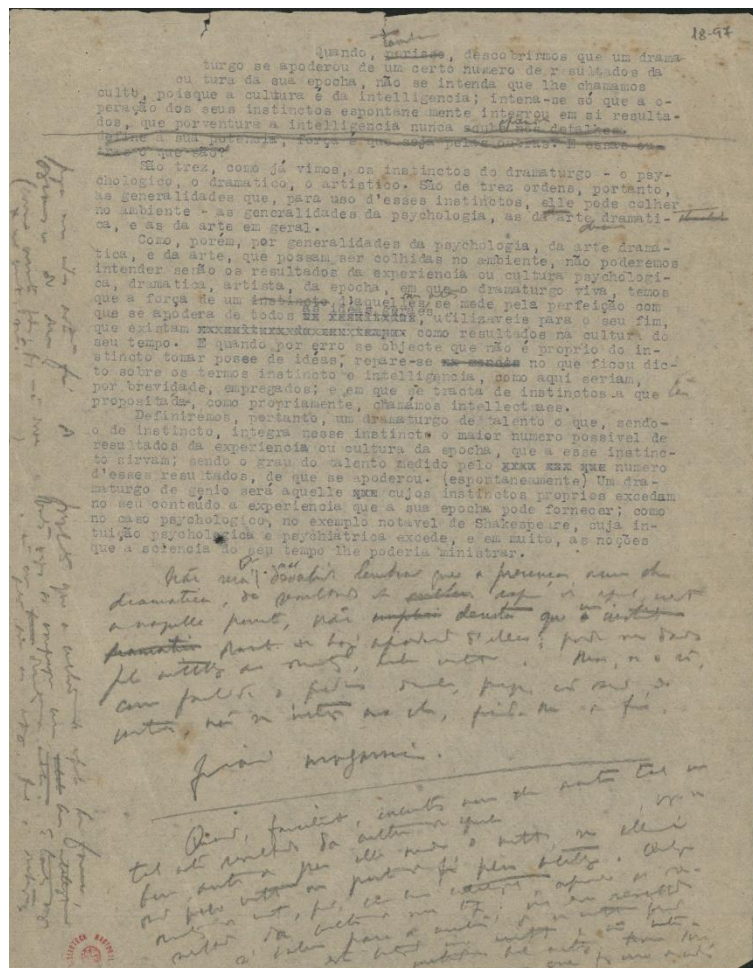
Como a intelligencia tem por objecto o universal e a extensão por qualidade, o seu valor ou força residirá na amplitão com que generalize; como, porém, tem a propriedade de ser passiva, e de receber todos os factos ou idéas particulares que a sensação ^{/sensibilidade/} lhe entregue, e como nem todos elles convirão ás generalizações que haja de fazer, segue que não ha entre o em que consiste a sua força, e o em que consiste a sua experiencia uma correlação perfeita; sendo que, não os factos particulares que recebe, porém o uso que d'elles faz, é que denota essa força.

De cada instincto, como tem por objecto um particular e por qualidade a intensão, o valor consiste na completidão com que se apposse, no objecto particular, para que tende, da essencia d'elle, que é o que o denota como particular. Como a essencia do objecto, ~~por ser~~ limitada por natureza, necessariamente se define, per meio ^{/quanto muito/} de uma idéa geral, ou de um pequeno numero d'ellas idéas geraes, elle tão completamente se appossará do objecto, quanto mais completamente se esteja munido ^{/experiente/ /tenha experiencia/} das idéas geraes possiveis necessarias para essencialmente o definir ou encontrar. E como é ~~essencialmente~~ por natureza activo e portanto procura, e não recebe, a experiencia, o numero de idéas geraes, convenientes ao seu fim, que haja aprendido, dependerá da força com que houver ~~indicado esse fim, e portanto os meios para o conseguir~~ tendido para esse fim e portanto procurado os meios para o conseguir.

Vemos portanto que na completidão, com que se apodere do objecto particular, que se destina, ou o numero de idéas geraes possiveis, convenientes a alcançar esse objecto, servem indifferentemente de denotar ~~um val~~ o valor ou força de um instincto. Porisso, sendo que na intelligencia, é o uso do conteúdo e não o conteúdo, que ~~determina~~ nota a força, no instincto o conteúdo e o uso d'elle são exactamente correlativos, qualquer d'elles podendo portanto denotal-a. E como d'estes dois signaes do valor, o conteúdo, como consiste em idéas geraes que forçosamente estão manifestadas, é que é o ~~vez~~ signal veramente objectivo, temos que, para investigar o valor de um instincto, servir-nos-ha de indicio o numero das idéas geraes possiveis, convenientes ao seu fim, de que esse instincto se utilizou.

Temos, agora, que determinar, em relação aos tres instinctos ~~dos~~ do dramaturgo, quaes são, para cada um, as idéas geraes possiveis de que se pode servir. O valor do dramaturgo, a quem depois applicamos este criterio, será conforme o numero d'essas idéas, de que se aproveitou - não, intenda-se bem e sempre, como homem culto, e intromettendo-as nos accessorios da obra, porém como homem de instinctos, e integrando-as nos essenciaes.

O numero de idéas geraes possiveis, pelas quaes um instincto intellectual se guie, nunca pode ser muito grande {...}



Quando, ~~perisso~~ também, descobrimos que um dramaturgo se apoderou de um certo numero de resultados da cultura da sua epocha, não se intenda que lhe chamamos culto, poisque a cultura é da intelligencia; intenda-se só que a operação dos seus instinctos espontaneamente integrou em si resultados, que porventura a intelligencia nunca ~~coube nos seus detalhes~~ aprendeu. ~~define a sua potencia, força é que seja pelas outras. E essas outras é que são?~~

São trez, como já vimos, os instinctos do dramaturgo - o psychologico, o dramatico, o artistico. São de trez ordens, portanto, as generalidades que, para uso d'esses instinctos, elle pode colher no ambiente - as generalidades da psychologia, as da ~~arte~~ /arte\ /drama\ dramática, e as da arte em geral.

Como, porém, por generalidades da psychologia, da arte dramática, e da arte, que possam ser colhidas no ambiente, não poderemos entender senão os resultados da experiencia ou cultura da epocha, em que o dramaturgo viva, temos que a força de um ~~instincto~~ d'aquelles seus instinctos se mede pela perfeição com que se apodera de todos ~~os resultados~~ as idéas geraes, utilizaveis para o seu fim, que existam ~~na cultura do seu tempo~~ como resultados na cultura do seu tempo. E quando por erro se objecte que não é proprio do instincto tomar posse de idéas, repare-se ~~na mente~~ no que ficou dicto sobre os termos instincto e intelligencia, como aqui seriam, por brevidade, empregados; e em que se tracta de instinctos a que propositada, como propriamente, chamamos intellectaes.

Definiremos, portanto, um dramaturgo de talento o que, sendo-o de instincto, integra nesse instincto o maior numero possível de resultados da experiencia ou cultura da epocha, que a esse instincto sirvam; sendo o grau do talento medido pelo ~~grau com que~~ numero d'esses resultados, de que se apoderou. ~~((espontaneamente))~~ Um dramaturgo de genio será aquelle ~~que~~ cujos instinctos proprios excedam no seu conteúdo a experiencia que a sua epocha pode fornecer; como no caso psychologico, no exemplo notavel de Shakespeare, cuja intuição psychologica e psychiátrica excede, e em muito, a noções que a sciencia do seu tempo lhe poderia ministrar.

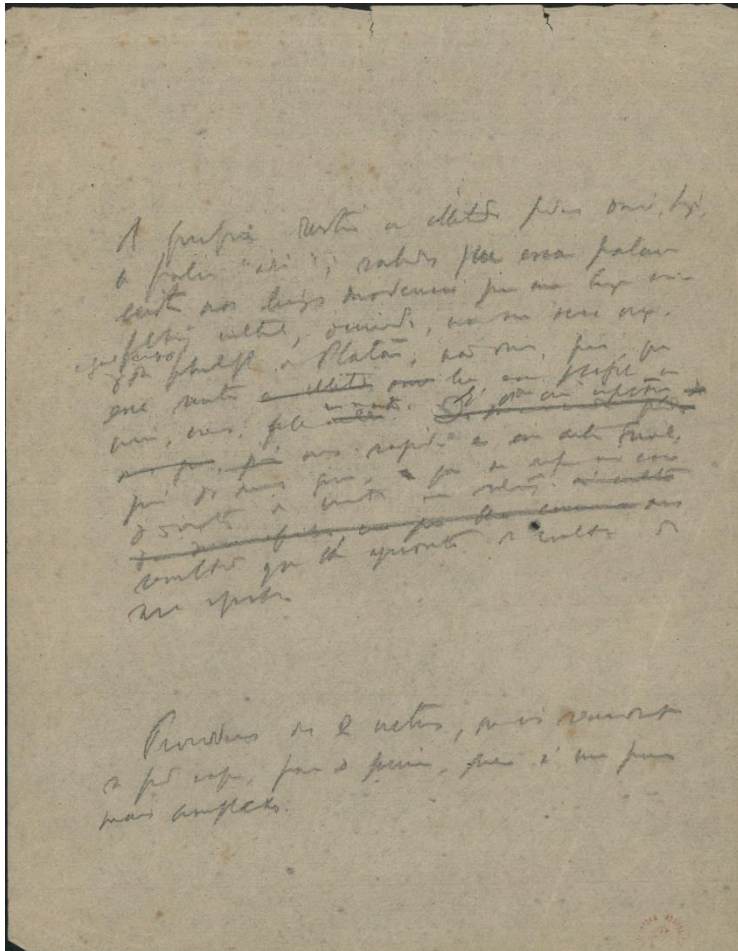
Não será também descabido ~~/mal\~~ lembrar que a presença numa obra dramática, de resultados da ~~cultura~~ experiencia da epocha, neste ou naquele ponto, não ~~implica~~ denota que ~~e um instincto dramatico~~ dramatico se haja apoderado d'elles: podem ser dados pela intelligencia ao dramaturgo, ~~|*como pelo|~~ instincto. Mas, se o são, com faculdades ~~|*o~~ podemos descobrir, porque só sendo do instincto, não se integram no drama, ficando-lhe de fóra.

{...} porisso inorganicas.

Quando, finalmente, insertos numa obra dramática tal ou tal outro resultado da cultura da epocha {...}, logo se verá, antes de que elle sendo o instincto, se elle é só pelo instincto ou parte já pela intelligencia. Qualquer dramaturgo de instincto, quando, como por intelligencia, aprende os resultados da cultura do seu tempo; como esses resultados só cabem para a cultura do seu instincto quando estão integrados como instincto e não estão instruídos pela intelligencia; ~~porque~~ mas, como faz uso da cultura psychologista que a cultura da epocha dá forma, muitas vezes as empregam como ~~instincto~~ como intelligente e não como ~~drama~~ dramaturgo de instincto. E tantas vezes, quantas assim as emprega, quando é dramaturgo, porque essas idéas estão fóra da organização da obra. (Como conceito falso, porque não deve de ser conceito, senão {...}.)

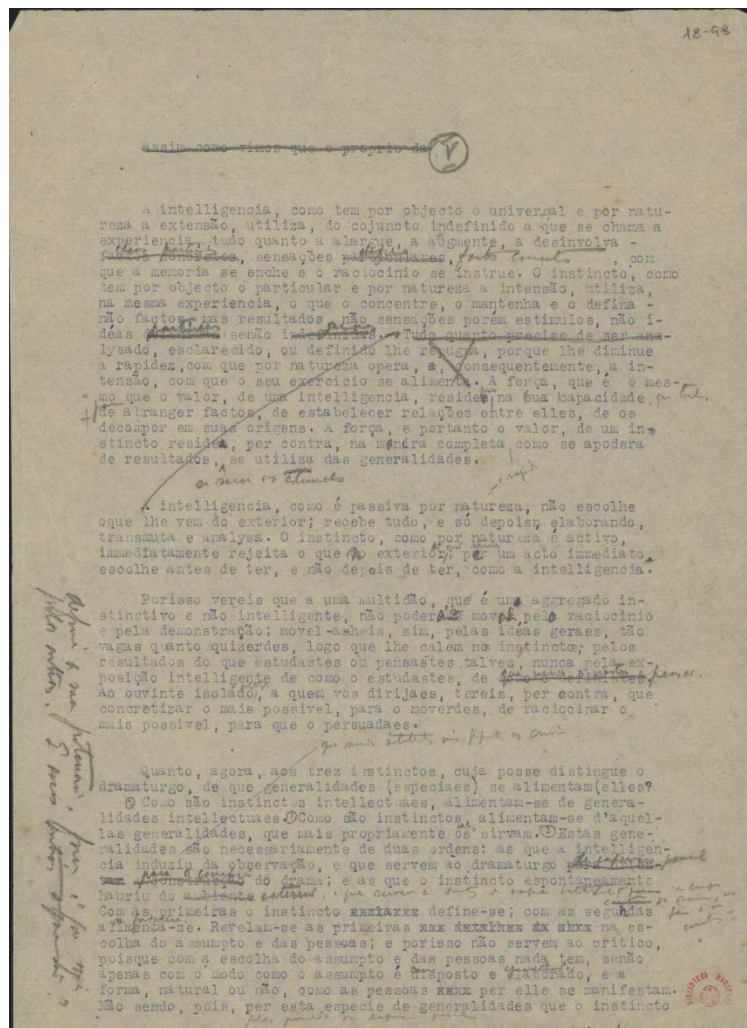
BNP/E3, 18 - 97v

Transcrição



|*A qualquer rustico ou illetrado podemos ouvir, hoje, a palavra "idéa", sabedores que essa palavra existe nas linguas modernas por uma longa simplificação intellectual, derivando, na sua origem, equal conceito da philosophia de Platão; não diremos, porém, que esse rustico ~~ou~~ illetrado ~~ouviu~~ leu essa philosophia ou ouviu, cremos, fallar ~~d'ella~~ em maieutica. ~~Do mesmo modo quando nos per,~~ porém É cremos isso imposição mais rapida e em arte geral, porém do mesmo genero, que a experiencia em causa do instincto ou intelligencia em relação ~~o resultado~~ ~~de um effeito com que houvermos~~ aos resultados que lhe apresente da cultura da sua epocha.

Procederemos pois e certos, que os resultados se podem esperar, para o proximo, que é um pouco mais complexo.|



Assim como vimos que o proprio da V

A intelligencia, como tem por objecto o universal e por natureza a extensão, utiliza, do conjunto indefinido a que se chama a experiencia, tudo quando a alargue, a augmente, a desinvolve - ~~factos concretos~~ ideias particulares, sensações ~~particulares~~ alegres, factos concretos, com que a memoria se enche e o raciocinio se instrue. O instincto, como tem por objecto o particular e por natureza a intensão, utiliza, na mesma experiencia, o que o concentre, o mantenha e o defina - não factos, mas resultados, não sensações porém estímulos, não ideias ~~definidas~~ particulares senão ~~indefinidas~~ geraes. ~~Tudo quanto precise de ser analysado, esclarecido, ou definido lhe repugna, porque lhe diminue a rapidez, com que por natureza opera, e, consequentemente, a intensão com que o seu exercicio se alimenta.~~ A força, que é o mesmo que o valor, de uma intelligencia, residem na ^{/sua\} capacidade, que tenha, ^{/em\} abranger factos, de estabelecer relações entre elles, de os decompor em suas origens. A força, e portanto o valor, de um instincto residem, per contra, na maneira completa e rigida como se apodera de resultados, se serve dos estímulos se utiliza das generalidades.

A intelligencia, como é passiva e rigida por natureza, não escolhe o que lhe vem do exterior; recebe tudo, e só depois elaborando, transmuta e analisa. O instincto, como por natureza é activo, immediatamente rejeita o que no exterior lhe não serve; per contra um acto immediato escolhe antes de ter, e não depois de ter, como a intelligencia.

Porisso vereis que a uma multidão, que é um aggregado instinctivo e não intelligente, não poderéis ser moverida pelo raciocinio e pela demonstração; movel-a-heis, sim, pelas idéas geraes, tão vagas quanto quizerdes, logo que lhe caem os instinctos; pelos resultados do que estudastes ou pensastes talvez, nunca pela exposição intelligente de como o estudastes, de ~~como o definistes~~. de que modo o viestes a pensar. Ao ouvinte isolado e intelligente, a quem vos dirijaes, tereis, per contra, que concretizar o mais possível, para o moverdes, de raciocinar o mais possível, para que o persuadeaes.

Quanto, agora, aos trez instinctos, cuja posse distingue o dramaturgo, de que generalidades ^{/especies\} se alimentam elles?

(2) Como são instinctos intellectuaes, alimentam-se de generalidades intellectuaes.

(1) Como são instinctos, alimentam-se d'aquellas generalidades, que mais propriamente os ^{/hes\} sirvam. (3) Estas generalidades que sendo intellectuaes mais propriamente as sirvam são necessariamente de duas ordens: as que intelligencia induziu da observação, e que servem ao dramaturgo ~~para orientar a construção~~ de expressão pessoal para a construção do drama; e as que o instincto espontaneamente hauriu do ~~ambiente~~ exterior, e que servem a outros de expressão intellectual, só para a composição ~~construção~~ do drama, e para a sua construção. Com as primeiras o instincto ~~esclarece~~ define-se; com as segundas alimenta-se ^{/se fortalece\}. Revelam-se as primeiras ~~nos detalhes da obra~~ na escolha do assumpto e das pessoas; e porisso não servem ao critico, poisque com a escolha do assumpto e das pessoas nada tem, senão apenas com o modo como o assumpto é dis^{/com\}posto e elaborado ^{/apresentado\}, e a forma, natural ou não, como as pessoas ~~se~~ per elle se manifestam. Não sendo, pois, per esta especie de generalidades ^{/pelas generalidades de especie pessoal\} que o instincto

define a sua potencia, força é que seja pelos outros. E esses outros o que são?

BNP/E3, 18 - 99r

Transcrição

18-99

é que o author dá mais a sua especialidade, que a universalidade que nella cabe. Embora a obra seja natural e naturaes as pessoas, isto é, tendo a verdade de vivas, no caso que tracta, assim como nas pessoas per quem o tracta, o author dá mais a especialidade como tal, que a universalidade que nella cabe. Shakespeare, quando tracta, mas em cada um dá o humano, não o doente; e a figura, que faz o pasmo dos psychiatras pelo intendimento que mostra da symptomatologia das neuropsychoses, faz o nosso pasmo de homens pelo intendimento que mostra do funcionamento commum do espirito humano.

é que o author dá mais a sua especialidade, que a universalidade que nelle cabe. Embora a obra seja natural e naturaes as pessoas, isto é, tendo a verdade de vivas, no caso que tracta, assim como nas pessoas per quem o tracta, o author dá mais a especialidade como tal, que a universalidade que nella cabe. Shakespeare, quando tracta {...}, mas em cada um dá o humano, não o doente; e a figura, que faz o pasmo dos psychiatras pelo intendimento que mostra da symptomatologia das neuropsychoses, faz o nosso pasmo de homens pelo intendimento que mostra funcionamento commum do espirito humano.

DIREITOS ASSOCIADOS

O trabalho MODERNISMO - Arquivo Virtual da Geração de Orpheu de <https://modernismo.pt/> está licenciado com uma Licença [Creative Commons - Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/).